

PARA UMA CRÍTICA LATINO-AMERICANA

Cecília Zokner

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Sendo a crítica, num sentido amplo, a mediação entre o texto e a leitura e sendo a Literatura Latino-Americana a expressão de povos diferentes mas ligados por estranhos paralelismos, o autor sugere que a aproximação das obras latino-americanas seja, antes de mais nada, coerente com o texto estudado e vinculada ao contexto no qual este texto teve a sua gênese.

A Literatura Latino-Americana se faz hoje sob o signo das transformações. A conquista do espaço, o desgaste das figuras carismáticas, a desintegração das ideologias acontecem e mudam o destino dos povos. Para muitos, é chegado o momento de auto-conhecimento, de auto-afirmação. Para muitos é chegado o momento de ruptura. Com raras exceções, a Literatura é disso testemunha e/ou arauto. Também a própria ruptura.

O escritor ao adotar posições que rompem ideologicamente com os valores tradicionais de sua classe e ao assumir o seu povo, as suas vozes, o seu destino; o texto, ao se constituir testemunho formal dessa ruptura deixando de repetir a linguagem dos colonizadores para ser um conjunto de significações desse povo mestiço, dessas vozes abafadas, desse destino que ele talvez ajude a mudar; o leitor, ao procurar na ficção antes de mais nada, a sua imagem [...], novas razões para crer naquilo que ele crê, de amar o que ele ama.¹

Literatura de ruptura que não pode ser tratada, estudada, criticada como um mero texto hedonístico. Uma aproximação, um estudo, uma crítica que procure o sentido do tex-

1 DOUDAN, X., citado por GRIVEL, C. *Production de l'intérêt romanesque*. Paris, Mouton, 1973. p.37.

to e o sentido deste mundo que se plasma no seu interior e ao seu redor deverá antes de mais nada ser coerente com um corpus que embora preenhe de conquistas estilísticas, carga, sobretudo, uma imensa sinfonia de gritos e de apelos, de realidades e fantasmagorias que se entrelaçam e procuram levar ao sentido do homem americano, de seu território. Que procuram levar a uma reconquista.

Medir este corpus por parâmetros forâneos, elaborados para julgar a literatura dos países industrializados é optar por uma “autocolonização” (feliz expressão de Mario Benedetti ao classificar as “óbvias” exceções da Literatura Latino-Americana: escritores que se auto-colonizam)” num contexto e num momento em que tudo leva à conscientização de que uma Literatura faz nascer a sua própria crítica.

Conforme a colocação de Joseph Bya, entendemos por crítica a mediação entre o texto e a leitura. Mediação cujo estatuto é orientar a leitura, facilitá-la ou “enriquecê-la” e que é realizada por leitores que não se contentam com o ato da leitura mas fazem deste ato profissão e missão de fazer conhecer aos outros o que eles chamam o “sentido” e o “valor” desta prática.³

Estas “opiniões” e “julgamentos dirigentes” ou seja este “discurso” formulado pelo crítico e/ou pelo professor universitário (profissão, missão) constituem um mecanismo de “organização, de aceleração, de orientação do sentido”⁴ dirigido a um mercado de leitores.

Como, porém, assim como não existe “leitura total” não existe “leitura inocente” todo aquele que se aproxima do texto — o estudante de Literatura ou o leitor virtual — também pode (deve) ter a “sua palavra de explicação” cuja gênese esteja, precisamente, na sua própria aproximação do texto.

Usaremos, então, num sentido muito amplo, o termo crítica para designar o discurso crítico do mediador formal (crítico, professor universitário) e de todo aquele que se aproxima do texto (estudante, leitor).

No intuito de simplificar, o que de per si afasta a preocupação em discutir a precisão ou imprecisão do termo,⁵ o epíteto usado para qualificar Literatura designa a Literatura dos países situados geograficamente ao sul do Rio Grande⁶ sem por isto entendermos como *una* uma Literatura cujos

2 BENEDETTI, M. Temas y problemas. In: FERNANDEZ MORENO, C., coord. América Latina en su literatura. México, Siglo XXI, 1972. p.366.

3 BYA, J. Entre texte et lecture. *La Nouvelle Critique* (39 bls): 111, avr.1970.

4 BYA, p. 111.

5 Sobre a propriedade ou não do termo ver ROMANO, R. *Mecanismos da conquista colonial: os conquistadores*. São Paulo, Perspectiva, 1973. p.23. FERNANDEZ MORENO, *Introducción*. p.5-18. Ver também, José Luis MARTINEZ, mesma obra, nota 1, p.73.

6 Rio que separa os Estados Unidos do México.

porta-vozes pertencem a 21 países,⁷ que embora tenham um passado onde a violência, a destruição, a injustiça, a discriminação se igualam à discriminação, à injustiça, à violência do presente, possuem, também, contextos geográficos, raciais, econômicos, ctonicos, políticos, culturais e ideológicos próprios e que fazem de cada país uma realidade diferente."

Sobretudo, quer designar uma Literatura que salvo "as muito óbvias exceções" é um texto de denúncia e de reflexão e cuja característica principal tanto pode ser a de constituir-se a "praxis social de determinadas elites"⁸ como a de ter consciência de pertencer a um "continente desesperadamente esperanzado"¹⁰ cujo denominador comum pode ser a fome, o analfabetismo, a violência, a opressão.

Sendo a crítica, num sentido amplo, a mediação entre o texto e a leitura e sendo a Literatura Latino-Americana a expressão literária de povos diferentes mas que se ligam estreitamente por estranhos paralelismos, por crítica latino-americana poderíamos considerar a aproximação das obras latino-americanas a partir de uma visão latino-americana que fosse antes de mais nada coerente com o texto estudado e vinculada ao contexto no qual este texto teve a sua gênese. O que pode ser perfeitamente factível desde que sejam considerados os obstáculos que impedem, também nesta área, que as atividades dos povos latino-americanos se desenvolvam de forma autêntica e absoluta.

Na verdade, os obstáculos para o estudo da Literatura Latino-Americana tem a sua origem num estado de coisas que é comum a toda a América Latina: a permanência de um certo espírito que aportou aqui nos tempos da colônia ("violência, injustiça, hipocrisia caracterizam a conquista"),¹¹ permaneceu sem nuances e que, é evidente, comanda muitas vezes as atividades culturais. Assim, os países latino-americanos voltam-se para a metrópole — qualquer que seja ela — e não pensam em se comunicar com os países que no mesmo continente possuem realidades semelhantes, para não dizer iguais, estabelecendo, como já o disse, entre outros, César Fernández Moreno,¹² a tradicional falta de comunicação en-

7 "La actual realidad de América Latina es algo más que el simple esquema que subsistía hasta meados del siglo. El conjunto original de veintidós países subsiste (Argentina, Bolivia, Brasil, Colombia, Costa Rica, Cuba, Chile, República Dominicana, Ecuador, Guatemala, Haití, Honduras, México, Nicaragua, Panamá, Paraguay, Peru, Puerto Rico, El Salvador, Uruguay y Venezuela). Sin embargo, Puerto Rico es un Estado Libre Asociado a los Estados Unidos y los puertorriqueños tienen la ciudadanía estadounidense. Después de 1980 se han creado nuevos países Jamaica, Barbados, Trinidad y Tobago, y Guayana de lengua inglesa predominante, que forman parte del British Commonwealth of Nations". MARTINEZ, J.L. Unidad y diversidad. In: FERNANDEZ MORENO. p.73. nota 1.

8 Ver BENEDETTI, p.355.

9 LOSADA, A. Os sistemas literarios como Instituições sociais na América Latina. Contexto (2):39, mar.1977.

10 BENEDETTI, p.367.

11 ROMANO, p.12.

12 FERNANDEZ MORENO, p.17.

tre os países que falam o espanhol e o Brasil. Nem sempre (para não dizer raramente) alguém e além da barreira linguística ou de fronteira se tem conhecimento do que se passa do outro lado.

Assim, embora existam as chamadas ilhas de desenvolvimento — que se querem iguais aos países desenvolvidos, como a própria expressão sugere estas ilhas representam fenômenos isolados dentro de um vasto contexto. Isolamento cujo ônus não é resgatado por esse desenvolvimento parcial.

É, então, esse espírito de colônia que faz com que as dificuldades para o estudo da Literatura Latino-Americana comecem já no que poderíamos chamar de infra-estrutura: as condições de trabalho, o material de trabalho. As bibliotecas, mesmo as universitárias não possuem, em sua grande maioria, o material necessário (o próprio texto ou textos críticos, às vezes sequer os clássicos latino-americanos. E não se mencionem os periódicos...). Quanto ao empréstimo inter bibliotecas ou entre bibliotecas de países diferentes, no momento significa apenas uma utopia. Como tampouco as Livrarias, por não disporem de material, possibilitam uma aquisição imediata, como a importação direta (interessado/livreiro) embora possível é de uma lentidão exasperante e cheia de entraves (diríamos burocráticos), como as informações editoriais são insuficientes, continua-se a ler e a estudar aqueles autores que, por uma razão ou outra, são “lançados” pelos países cuja estrutura editorial seja economicamente independente. Os outros, aqueles que por determinadas causas não são ou não devem ser comerciáveis, ou ainda, cujas obras aparecem em edições limitadas ou em periódicos de vida transitória, esses dificilmente, ou ocasionalmente, são conhecidos, já não diríamos do grande público, mas do próprio estudioso.

O desconhecimento do que se realiza nos demais países latino-americanos no que se refere aos textos de criação e/ou de crítica, a dificuldade, pelo isolamento em que se mantém de estabelecer um intercâmbio duradouro com outros países latino-americanos e ao invés, a possibilidade de receber material bibliográfico e periódicos dos países industrializados, assim como auxílio que possibilite uma especialização nesses países e um contato direto com sua cultura faz com que a metodologia, também na área de letras seja importada dos países industrializados. E com o mesmo entusiasmo como foram importados no passado o trigo, a cevada, a laranja, o limão, o pêssego, as ovelhas, as cabras ou como são importadas no presente, as formas de pensar e de viver dos americanos do norte.¹³

13 ROMANO, p.80

E da mesma forma como foram aceitos passivamente, nos tempos da colônia os princípios urbanísticos, administrativos, políticos e econômicos sem que uma atitude crítica fosse despertada para valorar a conveniência em adotar uma estrutura, que válida ou não para o velho mundo, jamais significou que o fosse também para o continente americano em tudo diferente da metrópole.¹⁴

Hoje, a importação de uma metodologia crítica originada de países que têm já resolvidos os seus problemas fundamentais significa, ainda e mais uma vez, prestar-se à dependência de esquemas culturais alienígenas e alienantes, uma vez mais prestar-se à auto-colonização. Uma opção que diante dos textos latino-americanos, passa a se constituir não só, apenas uma atividade lúdica (seria a mediação certa para o texto de combate, para o texto de denúncia?) mas, sobretudo, passividade diante de um sistema de submissão cultural que a realidade do continente americano não mais justifica.

Na verdade, uma Literatura que possui textos como as primeiras páginas de *La casa verde*, *Exodus*, *En la casa nueva*, *La máquina*, *Hasta que el 3 de marzo de 1962*¹⁵ deve ser estudada mais além da palavra, da frase ou da estrutura interna.

É evidente que podem existir diversas leituras de um texto. Até mesmo pode existir a tentativa utópica de uma leitura total que examinasse a gênese da obra, o contexto histórico social e político em que foi elaborada, a receptividade ou não do leitor e sob os diferentes modelos propostos hoje para abordagem de texto. Mas é evidente, também, que paralelamente a estas leituras deve haver a consciência da relação que existe entre uma obra de arte, no caso a literária e a realidade de cada país. Assim, a mediação (crítica formal, trabalhos de pesquisa universitária, aproximação do texto) lúcida, coerente, é antes de mais nada responsável. Perante o próprio autor do texto estudado, ele mesmo comprometido humanitariamente, perante o povo latino-americano, perante a própria ação individual.

Uma das constantes da Literatura Latino-Americana é, por exemplo, um determinado vocabulário sócio-hierárquico visivelmente dicotômico (os detentores de privilégios/os não privilegiados) indicador de uma estrutura social dividida em

¹⁴ ROMANO, p.51

¹⁵ VARGAS LLOSA, M. *La casa verde*. Lima, J.Godard, s.d. p.9-22. ROA BASTOS, A. *Hijo de hombre*. Buenos Aires, Losada, 1971. p.79-116. ASTURIAS, M.A. *El señor presidente*. Buenos Aires, Losada, 1968. p.99-109. GALEANO, E. *La canción de nosotros*. Buenos Aires, Sudamericana, 1975. p.9, 93-113, 123-5. SCORZA, M. *Historia de Garabombo el invisible*. Barcelona, Planeta, 1972. p.284-325.

classes antagônicas.¹⁶ Antagônicas no sentido de levarem um modo de vida (no que há de mais elementar: alimentação, vestuário, moradia) totalmente diversos e não obrigatoriamente quanto à existência de uma tensão, o que não significa que não existam textos em que esta tensão esteja evidente como é o caso de certos capítulos de *Hijo de hombre* e de *Redoble por Rancas*.

A partir desse vocabulário sócio-hierárquico explícito ou de um vocabulário que determine implicitamente a condição dos personagens teremos esboçada a dicotomia de classes. Se considerarmos, por exemplo, determinados temas, e se os relacionarmos com esse vocabulário sócio-hierárquico teremos delineada também uma zona de tensão que pode ser ignorada pelos personagens (assim como é ignorada pelo homem que ele representa) mas que significa um aspecto da realidade que consciente ou inconscientemente é aceita como parte do universo pelo escritor latino-americano.

Tomemos 5 temas para relacionar com o vocabulário sócio-hierárquico de *El señor presidente*, Macario, *Hijo de hombre*, Guillermo e *El iluminado*:¹⁷ o trabalho, a fome, a terra, a vida, o saber.

Se destacarmos da obra de Asturias os trabalhadores diretos e os trabalhadores não diretos e os trabalhadores proprietários e os trabalhadores não proprietários teremos que os trabalhadores diretos (aqueles cujo contato com a matéria-prima se produz de forma direta) são: acarreadora de pan, auriga, cantinero, cartero, cholojera, cochero, cocinera, cortadoras [de café], criado, cuadrillas de indios [varredores], empleada, empleados subalternos, empleado de almacén, hachador de carne, leñador, mantequera, marranera, obreros, portera, peluquero, peón, sirvienta. E que os trabalhadores indiretos (aquele que exerce uma função de organização, vigilância e controle)¹⁸ são: banqueros, exploradores de concesiones (montepios, títulos profesionales, casas de juego, patios de gallo, indios, fábrica de aguardiente, prostíbulos, tabernas, periódicos subvencionados), hombres de negocios, prestamistas de dinero, propietarias de casas, militares, acesores do governo.

Sob o ponto de vista social, isto é, trabalhadores não proprietários e proprietários dos meios de produção, os traba-

16 Ver. por exemplo. FUENTES. C. *Las buenas conciencias*. México, Fondo de Cultura Económica, 1959. p.31: "la hija de un don nadie", No es natural que dos muchachos de clases tan distintas anden juntos todo el tiempo" (p.109). "¿Te filias — exclamó Jaime cuando un trabajador pasó y los saludó y palmeó el hombro del joven Ceballos. ya somos iguales" (p.121). ROA BASTOS. p.146: "hay paqueteros y descalzos solamente", "gente de segundo pelo" (p.165). "Típico aire de superioridad de los de arriba" (p.164).

17 ASTURIAS. p.99-109. RULFO. J. *El llano en llamas*. Barcelona, Planeta, s.d. p.125-30. ROA BASTOS. p.79-116. MIGNONA. E. Guillermo. *Crisis* (36):17, abr.1978. SUÁREZ, G. in *NARRADORES bolivianos*. Caracas, Monte Avila, 1969. p.181-2.

18 HARNECKER. M. *Los conceptos elementales del materialismo histórico*. Buenos Aires. Siglo XXI. 1973. p.35.

lhadores diretos são evidentemente privados dos meios de produção. As referências aos meios de produção que aparecem no texto, além das acima citadas no que se referem às diferentes concessões, se relacionam com os préstimos de dinheiro “al nueve, nueve y medio y diez por ciento mensual” e com os proprietários de casas “cuarenta casas, cinquenta casas (p. 17). Ou seja, na verdade não se trata de uma sociedade cuja base sejam a produção e o intercâmbio de produtos; ao invés a sobrevivência e o enriquecimento são possíveis por meios excusos: compra de recibos de salários atrasados, vencimentos de sete ou oito empregos públicos, a casa de tolerância, o contrabando, a venda de pessoas humanas, a chantagem, a espoliação. Se por um lado o trabalhador direto faz uso de sua força de trabalho e certas tarefas — da necessidade cotidiana — são efetuadas, por outro lado, os que possuem os meios de produção não o utilizam na produção de bens de consumo, mas somente na exploração do homem e/ou de seu trabalho.

Em Macario, o vocabulário sócio-hierárquico não aparece explícito e a dicotomia se traduz: patroa/criado. A patroa cuja autoridade é ilimitada e o criado que lhe é totalmente submisso e dependente. Autoridade e submissão que se delinham pelos traços sócio-hierárquicos e pelos verbos que marcam o relacionamento entre ambos. A patroa tem o sono assegurado ao mandar o criado matar as rãs que a impedem de dormir. É ela que detém o poder econômico: tem dinheiro, propriedade, porcos. É ela também a dona da verdade. Aquela que manda, reparte a comida, proíbe, ameaça.

O criado dorme sobre os “costales”, com frio no inverno, num quarto povoado por percevejos, baratas, grilos, escorpiões. Não tem liberdade, come o que lhe é dado, possui de si a imagem que lhe transmite a patroa. Varre a rua, dá de comer aos porcos, lava os trastes, acende o fogo (eventualmente mata as rãs), acredita, sente-se agradecido pela comida que recebe. Entre os dois, eternizando a situação de dependência, a fome: “no me lleno nunca” (p. 126), “no me lleno por más que coma todo lo que me den” (p. 126), “jamás se me acaba el hambre” (p. 126), “no se me acaba el hambre” (p. 129). Uma fome que faz do criado um marginal (“Dicen en la calle que estoy loco porque jamás se me acaba el hambre” (p. 126) que procura saciá-la da maneira que está a seu alcance: comendo o milho seco e o grão de bico destinado aos porcos, comendo flores, sapos; bebendo leite de cabra, de burra, da Felipa, o que para ele é ainda o menor dos males: o pouco que recebe, o pouco que obtém por seus próprios meios. “Y mientras encuentre de comer aqui en esta casa aqui me quedaré” (p. 129) Isto é, acreditando na patroa (“ella nunca anda con mentiras” (p. 126), nos seus tratos

("mi madrina me trata bien" p. 126), na sua compreensão ("ella ya sabe con cuánta hambre ando desde que me amenaza hasta que me anochece" p. 129), nas suas ameaças ("y entonces le pedirá, a alguno de toda la hilera de santos que tiene en su cuarto, que mande a los diablos por mí, para que me lleven a rastras a la condenación eterna" p. 130) e sem condições para compreender a verdadeira situação.

Em *Hijo de hombre* a palavra *tierra* aparece 75 vezes.¹⁹ Sintaticamente como sujeito e como complemento. Sujeito dos verbos *cair*, *comer*, *tragar*, o complemento desses verbos é o termo *hombre*. Complemento direto, *tierra* segue os predicados *atar*, *defender*, *demandar*, *echar*, *escupir*, *golpear*, *luchar*, *matar*, *oler*, *raspar*, *sentir*, *tirar*. Então o sujeito é *hombre* (s). Antecedia da preposição *de* a palavra *tierra* funciona como complemento nominal e como complemento adjetival. No primeiro caso completando máscara (=rosto), cara, mano, pies, capa, corazón, andén, piso, aliento isto é, termos que se relacionam, ainda que indiretamente com homem. Como complemento adjetival completa, por exemplo *heridos enlodados*, *cadaver sucio*, *barba sucia*, *dientes llenos*, *carita empastada*.

Quanto às denominações sócio-hierárquicas foram indexados cerca de cem termos que formam os seguintes eixos semânticos: A — representantes da igreja, B — militares, C — proprietários, D — trabalhadores, E — marginais que de acordo com o esquema de Ulrich Ricken²⁰ vão constituir a dicotomia A,B,C/D,E. Como sub eixos semânticos e formando uma nova dicotomia cuja relação é opressor oprimido aparecem, por exemplo: A' *máxima autoridad del pueblo*, *poder implacable*, *poder constituido* / *temor casi mítico*, *embretados en una trampa sin salida*, *levantarlos a punta de látigo*.

As relações *tierra/hombre* delineadas pelas funções sintáticas evidenciam que *tierra* exerce um domínio sobre o homem que se engloba nos grupos sócio-hierárquicos D,E. Assim são os *mensues*, *agrarios*, *mendigos*, *chiperas* por exemplo os que são envolvidos pela terra num contato físico que vai do inconsequente (*pies*, *manos*, *ojos*, *dientes*) ao terrível ("la tierra subía en oleadas y amenazaba tragarlos" p. 206, "cadaver menos sucio de tierra y sangre" p. 218). Os mesmos que os traços sócio-hierárquicos descrevem como sub-alimentados e mal vestidos, sem casa e sem chão cujas esperanças e cujas lutas se concentram num pedaço de terra que passa, então, a simbolizar, também, pão e liberdade. Ainda

19 ZOKNER, C. A palavra *tierra* e o vocabulário sócio-hierárquico em *Hijo de hombre*: relações. *Letras* (23):71. 1975. Resumo.

20 La description littérale des structures sociales: essai d'une approximation sémantique. *Littérature* (4):53. dec.1971.

os mesmos que transformados, por um poder no qual não creem, em soldados defensores da pátria, ao lutar por ela serão aniquilados, destruídos por uma terra estranha, deserta, inexpugnável (Chaco) e por motivos que desconhecem (os interesses estrangeiros nas ricas terras da América).

Assim, os grupos A.B.C detentores dos poderes tradicionais elementos de opressão na dicotomia A' mantem-se afastados da terra ainda que dela tenham a posse.

Em Guillermo, conto do argentino Eduardo Mignona. o patrão, o juiz, o padre, o escrivão, os peões tristes na noite festiva são figuras esfumaçadas diante de uma relação sócio-hierárquica em que a dicotomia peón de pala (negro, solo, trabalhador dos confins da estância, possuindo de seu apenas "tierras en las patas" e um copo de vinho para festejar o natal) / filho do patrão (bêbado, desconfiado, mentiroso) quer dizer muito mais do que simplesmente um antagonismo de classe: privilegiado/não privilegiado, opressor/oprimido. Trata-se de uma dicotomia em que um dos elementos se arvora num Deus todo-poderoso, dispõe da vida do outro em questão de segundos, por capricho: "Jaimito lo miró: tan desgraciado, tan solo. "un bicho, penso Jaimito. "Un bicho que la soledad puede volver feroz" Y pensó: "Para vivir así. más le vale no vivir". Peló el arma y lo buscó en el aire con la punta del fierro" (p. 17). O outro, "que no había estado en el mundo para andarse con delaciones" diante do juiz, do escrivão, do patrão, do padre (jamais tanta e tão seleta assistência) só aproveitou para demonstrar que a peonada não era tão estúpida. Que se ele tinha vivido assim, como um bicho, era por questão de sorte. E depois, "es raro que un pobre diablo no sepa agradecer un favor".

Em El iluminado a dicotomia se apresenta de uma forma especial não somente pela relação hierárquica — o adulto que está sendo alfabetizado (cheio de temores, de dúvidas) / o alfabetizador (interrogações), mas pelo fato de ser a única relação dicotômica em que há uma dinâmica: um dos elementos à medida em que vence as dificuldades vai se aproximando do outro elemento: "se iba volviendo su semejante" (p. 181). A aspiração de um (aprender a ler), o auxílio do outro (ensinar), na verdade, ultrapassa o objetivo imediato, alfabetização, para penetrar na zona sócio-hierárquica: "Le faltaba preparar todavía, pero ya entrevía el instante de darle la mano. hombre a hombre" (p. 181). Este crescimento, esta "humanização acontece quando finalmente sai a voz da leitura, "lavada de sombras" (p. 182) e que ao saber ler sabe também que "el otro se había convertido en su prójimo" (p. 182) numa conscientização sadia e que rara vez se encontra nos textos latino-americanos.

Ao adotarmos, neste momento, um determinado conceito de crítica e um determinado conceito de Literatura Latino-Americana e ao apresentarmos sob um determinado aspecto cinco textos de Literatura Contemporânea, não significa uma opção definitiva por um caminho crítico, ao contrário, uma etapa de trabalho.

Sobretudo, uma reflexão sobre a posição humanitária do escritor latino-americano e sobre o contextual que muitas vezes condiciona a gênese do texto. Reflexão sobre a maneira de formular uma aproximação da Literatura Latino-Americana que seja coerente com o nosso meio, nossas necessidades, nossa forma especial de desenvolvimento, nossas necessidades, enfim de nossa própria valoração.

RESUME

Etant donné que la critique dans un sens très large est la médiation entre le texte et sa lecture et étant donné que la Littérature Latino-américaine est l'expression des peuples différents mais liés par des étranges parallélismes, l'auteur suggère que l'approximation des œuvres latino-américaines soit, avant tout, cohérent avec le texte étudié et avec le contexte dans lequel ce texte eue son origine.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ASTURIAS, M. A. *El señor presidente*. Buenos Aires, Losada, 1968. 271 p.
- 2 BYA, J. Entre texte et lecture. *Nouvelle Critique* (39 bis): 111-5, avr. 1970.
- 3 FERNANDEZ MORENO, C. *América Latina en su literatura*. México, Siglo XXI, 1972. 494 p.
- 4 FUENTES, C. *Las buenas conciencias*. México, Fondo de Cultura Económica, 1959. 191 p.
- 5 GALEANO, E. *La canción de nosotros*. Buenos Aires, Sudamericana, 1975. 243 p.
- 6 GRIVEL, C. *Production de l'interêt romanesque*. Paris, Mouton, 1973. 428 p.
- 7 HARNECKER, M. *Los conceptos elementales del materialismo histórico*. Buenos Aires, Siglo XXI, 1973. 341 p.
- 8 LOSADA, A. Os sistemas literários como instituições sociais na América Latina. *Contexto* (2):37-61, mar. 1977.
- 9 MIGNONA, E. Guillermo. *Crisis* (36):17, abr. 1976.
- 10 NARRADORES bolivianos. Caracas, Monte Avila, 1969. 256 p.
- 11 RICKEN, U. La description littéraire des structures sociales: essai d'une approximation sémantique. *Littérature* (4):53-62, dez. 1971.

- 12 ROA BASTOS, A. **Hijo de hombre**. Buenos Aires, Losada, 1971. 281 p.
- 13 ROMANO, R. **Mecanismos de conquista colonial: os conquistadores**. São Paulo, Perspectiva, 1973. 126 p.
- 14 RULFO, J. **El llano en llamas, Pedro Páramo**. Barcelona, Planeta, s.d. 265 p.
- 15 SCORZA, M. **Historia de Garabombo el invisible**. Barcelona, Planeta, 1972. 325 p.
- 16 VARGAS LLOSA, M. **La casa verde**. Lima, J. Godard, s.d. 429 p.
- 17 ZOKNER, C. A palavra terra e o vocabulário sócio-hierárquico em **Hijo de Hombre: relações**. *Letras* (23):71-80, 1975.